



O Homem que morreu por engano e regressou (*Timárion ou Acerca das suas vicissitudes – Reflexões*)

The Man Who Died by Mistake and Returned

(*Timarion or Concerning His Vicissitudes – Reflections*)

Reina Marisol Pereira¹

<https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>

rntp@mail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v12i1.64313>

RESUMO: Sob a máscara de uma despretenhosa prosa helénica ficcional, de autoria não identificada, o libelo reflete, com traço satírico lucianesco, aspectos de vários domínios socioculturais bizantinos do século XII, a exemplo de serviços, medicina, tribunais, filosofia, retórica, religião, valores, todavia sem intentar assumir-se como uma profissão de fé, tampouco emular-se a um folhetim de transgressão pagã. À partida, uma sequência simples de três momentos: um homem morre; comprova-se ter sido erradicado por engano e restitui-se à vida. Considerando o complexo período histórico de censura e castigo, propõe-se uma leitura crítica sobre a matéria inclusa, disposta amiúde em dicotomias, como espaço terreno/Hades, paganismo/cristianismo, retórica/filosofia, justiça terrena/justiça divina.

PALAVRAS-CHAVE: viagem; Hades; catábase; tribunal.

ABSTRACT: Under the guise of unpretentious fictional Hellenic prose by an unidentified author, the libel reflects, with Lucianesque satirical strokes, aspects of various sociocultural domains of 12th-century Byzantium, such as services, medicine, courts, philosophy, rhetoric, religion, and values. However, it does not aim to assert itself as a profession of faith, nor does it emulate a pamphlet of pagan transgression. At first glance, it presents a simple sequence of three moments: a man dies; it is proven that he was mistakenly eradicated, and he is restored to life. For the first time in the Portuguese language, this comprehensive translation presents the journey of Timarion, from Constantinople, Byzantium, and Hades to resurrection. Considering the complex historical period of censorship and punishment, a critical reading of the included material is proposed, often arranged in dichotomies such as earthly realm/Hades, paganism/Christianity, rhetoric/philosophy, earthly justice/divine justice.

KEYWORDS: journey; Hades; katabasis; court.

¹ Investigadora colaborante do Centro de Investigação em Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.



Ἰδέλιδι καὶ τῷ Μανουίλῳ μέχρι παντός·

Exórdio: contributos para autoria e datação

Ἐπὶ λθέ | μοι αὐτίκα τῷ διελθεῖν παραπέμψαι πυρί, “Assim que terminei, | tive o impulso de atirá-lo ao fogo”² — eis o parecer suscitado em Constantino Acropolita (1250–1321?), por altura de 1324, a propósito do opúsculo Τιμαρίων ἢ Περὶ τῶν κατ' αὐτὸν παθημάτων, *Timárion* ou *Acerca das suas vicissitudes*, ora em apreço. E por entre a acumulação de atributos pejorativos (e.g. ληρωδία, ‘futilidade’; ἄκαιρος, ‘inoportuno’, μυσάττεσθαι ‘causa de repugnância’), julga a obra produto ‘de uma pessoa perturbada e insana’, digna de compaixão (οἰκτείρω), que concede primazia às artes e ciências (viz. filosofia), acima dos mistérios/religião (7–8). Pese embora a autoria cabal se reportar na hodiernidade ao anonimato, elementos intra e extratextuais podem, com as devidas reservas, contribuir para identificar a sua origem. Depreende-se, assim, pertencer a um filósofo³ porventura da Capadócia. Nesse sentido, Constantino (20–21) atribui a lavra a um tal Timárion (homônimo do narrador)⁴. Já pelo conhecimento de léxico médico, quiçá fique a dever-se a Nicolau Calicles, médico de Aleixo I, ou, mediante similar argumento⁵, a outro intelectual, como Nicéforo Basilaces, Miguel Itálico, Teodoro Pródromo, Nicolau Calicles.

A manifesta acrimónia expressa na correspondência do referido magistrado, logóteta e hagiógrafo sob o governo de Andronico II, paladino da ortodoxia cristã contra a heresia, participante do Concílio de Niceia, surge tardiamente, face à composição estimada do libelo. Ainda que os múltiplos estudos existentes não converjam numa datação consensual, de forma genérica presume-se haver surgido no decurso da primeira metade do século XII. Consideram-se, para tanto, determinados marcos históricos, no intuito de delimitar cronologicamente o escrito. Eis, pois, o período entre 1096 (óbito de Pselo) e 1185 (saque normando de Tessalónica); ou o intervalo que medeia a subida ao trono de Manuel Comneno (1143–1180) e 1156; ou entre 1120 e 1150⁶. Outros baseiam-se no facto de todas as almas de vultos com existência histórica referenciadas na obra (viz. Romano IV Diógenes, general arménio Filareto, Miguel Pselo, João Ítalo), à exceção de Teodoro de Esmirna, corresponderem a fenecimentos ocorridos no último quartel do século XI. Há outrossim quem centre o seu juízo em momento anterior a 1120, designadamente 1112⁷, quando ainda se reconhece atividade por parte de Teodoro; ou em altura posterior a 1071 (viz. c. 1110)⁸; ou em torno do florescimento do Monge Constantinopolitano, no governo de Aleixo I Comneno (1081–1118)⁹; ou em meados da quarta década do duodécimo século, em virtude do fôlego da disputa entre partidários de Platão e de Aristóteles, assim

² Carta 91, Romano, 1991, pp. 43–4. Vd. Treu, 1892, pp. 361–5; Bravo, 1988, pp. 77–132; Romano, 1991.

³ Cf. Tozer, 1881, p. 235; Tsaras, 1985, p. 191.

⁴ Vd., no mesmo sentido, Dräseke, 1912, p. 353; Vasiliev, 1952, p. 497.

⁵ Cf. Romano, 1974, pp. 25–31, 38.

⁶ Cf. Baldwin, 1984, pp. 28–32.

⁷ Vd. Tsolakis, 1990, p. 117.

⁸ Cf. Beaton, 2008, p. 334; Lajos, 2008, p. 54.

⁹ Vd. Tozer, 1881, p. 235.

também da controvérsia entre filosofia e retórica, na ocasião¹⁰. Com maior relevância noutras reflexões, é indicado o primeiro terço do século XII, sob os imperadores João II, Aleixo I, ou Manuel I¹¹.

1. Conjuntura

O contexto em torno da composição de *Timárion* remete para o desenvolvimento de contornos civilizacionais, administrativos e intelectuais próprios por parte dos *Romaioi* (unidade política de províncias Romanas), há muito afastados do poderio clássico e arreigados na Nova Roma/Constantinopla (ano 330), assumindo uma autoridade política de relevo entre a Europa católica e o Médio Oriente islâmico, até sucumbirem, enquanto Império Bizantino, ao domínio dos Turcos Otomanos, em 1453.

O cenário laico disposto no opúsculo traduz uma crítica de valores da sociedade dos séculos XI/XII marcada pelo progresso de uma aristocracia semifeudal, qual pré-Renascença ('Renascença Comnena') ocidentalizada, numa época deveras conturbada da esfera bizantina, que conjuga múltiplos contactos de entendimento, mas também de antagonismo com diversas culturas, políticas e credos. Apesar das vitórias militares de Bizâncio, espelham o carácter atormentado e belicoso de então circunstâncias várias, como o Grande Cisma entre as Igrejas Ortodoxa e Católica Romana (1054); Cruzadas (da primeira — 1096–1099, à quarta — 1204)¹²; a Queda de Constantinopla¹³; ataques, pactos, triunfos e insucessos, na presença de Turcos¹⁴, Normandos¹⁵, Venezianos¹⁶, Cumanos¹⁷; além de rebeliões internas¹⁸. Ademais, pese embora João II, Aleixo I e Manuel I haverem reafirmado a posição bizantina com a conquista da maior parte da Costa da Ásia Menor, submetendo os atuais territórios da Sérvia e da Hungria¹⁹, a ameaça sobre o Império medieval mantém-se, em virtude do ataque pelo Império Búlgaro (Deljan, 1040), bem assim pela tomada normanda de Derráquio e Tessalónica (1185).

¹⁰ Cf. Alexiou, 2002, pp. 104–5.

¹¹ Vd. Alexiou, 1982/3, p. 30; Tsaras, 1985, p. 191.

¹² Cf. Runciman, 1955.

¹³ Vd., em 1097, Niceia tomada pela Primeira Cruzada; no ano seguinte, Antioquia.

¹⁴ E.g. em 1071, 1176 (Manzikert, Arménia), vitória turca sobre os Bizantinos; no ano de 1059, Isaac I vence tribo turca da Ásia Central (Pechenegos), novamente derrotada em 1122, por João II, nos Balcãs. Em 1130, João II vence o Emirado turco Danismendida, Ásia Menor. Em 1176, o exército bizantino é emboscado pelos islâmicos Seijúcidas, na Batalha de Miriocéfalo, Frígia.

¹⁵ E.g., em 1107, a zona de Derráquio fica sitiada por Normandos. A paz entre ambas as civilizações é assinada no Tratado de Devos, 1108. No ano de 1147, a frota normanda da Sicília, liderada por Jorge de Antioquia, ataca Constantinopla. De 1155 a 1157, os Bizantinos procuram, sem sucesso, invadir o sul de Itália. Porém, à data de 1158, o imperador Manuel I Comneno assina um tratado com Guilherme I da Sicília.

¹⁶ Considere-se a aliança de privilégio comercial reforçada por João II, em 1126. Normandos, às ordens de Robert Guiscard, sitiam a província bizantina de Bari (1068) e dominam até ao sul de Itália, em 1071, antes da derrota infligida por Aleixo I. Corria o ano de 1091, quando se trava a Batalha de Levúnio de 1081 a 1082, verifica-se o ataque da Grécia bizantina. Decorria 1085, quando Derráquio se vê tomado por Aleixo I.

¹⁷ E.g. 1091: aliança com os Cumanos ajuda à vitória da Trácia bizantina, sob ataque (1087–1090), na Batalha de Levúnio.

¹⁸ Viz. 1057, Isaac Comneno contra Miguel VI; 1095: Nicéforo Diógenes obstado por Aleixo I.

¹⁹ Vd. a celebração de João II por vitórias obtidas na Ásia Menor (Constantinopla, 1133); triunfos de Manuel I na Cilícia, Síria e Ásia Menor (1144).

Precisamente, alguns elementos textuais evocam a existência de contactos exteriores, a saber, traços árabes/muçulmanos (e.g. trajes árabes dos juízes, salvo o imperador Teófilo); cristãos (viz. *topos* da ‘ressurreição’); notas orientais (e.g. descrição dos Campos Elísios relembrando jardins orientais — *paradeisoi*); percepções de antissemitismo (vd. consignação da carne de porco).

No âmbito social, aquando do governo da dinastia comnena (1081–1185)²⁰, assiste-se à reabilitação da vida urbana, da classe aristocrática e da juventude com preparação académica, contatando com escritos da Antiguidade, fazendo seguir-se em Bizâncio, à segunda sofística, que acarreta uma liberdade de cultos/um certo ativismo anticristão (§29), uma terceira sofística²¹. Com efeito, um novo nacionalismo conjugando vetores religiosos e temores tradicionais, de pendor crítico e carácter laico, toma posição. O diferendo justifica, por altura do governo dos Comneno, múltiplas condenações por heresia (e.g. João Ítalo, 1082) ou criptopaganismo conotado com o espaço helénico²².

Malgrado o poder clássico já não auferir efeito político-administrativo, e apesar do reforço da comunicação com o Ocidente, na sequência das Cruzadas, do domínio da ortodoxia católica, dos anátemas do *Synodikon* e da condenação de figuras como Platão²³, as literaturas pagãs grega e latina continuam a despertar receios e a inspirar maior interesse moral/filosófico e estético da congénere bizantina. Expressando o conflito entre cristianismo e helenismo (vd. excessivo entusiasmo de humanistas pela cultura clássica), apresentam-se obras a exemplo dos diálogos *Philopatris*, ‘*Patriota*’, de Luciano, numa perspectiva dogmática, e *Timárion*, mediante um foco intelectual²⁴.

2. Espaço e figuração

Via de regra, o libelo desenrola-se entre o espaço de narração e o diegético (Tessalónica e Hades), percorrendo resumidamente três domínios, em estrutura anelar: Bizâncio (início da narração §1) — Tessalónica (decurso narrativo) — Bizâncio (§47). Em Tessalónica, constata-se uma repartição por duas esferas: mundo superior (vd. locais, como campo, caminhos §2; rios Áxio²⁵ §3 e Hebro §12, — atualmente Vardar; cidade §4, monte/colina §5, planície da feira §4,5, santuários

²⁰ Cf., da dinastia comnena, Isaac I Comneno (1057–1059); no ínterim, dinastia Ducas (109–1081): Constantino X (1059–1067), Miguel VII (1067–1078, por menoridade, regência materna de Eudóxia Macrembolitissa — 1067–1068), Romano IV Diógenes (1068–1071. Deposto após Batalha de Manziquera, 1072), Nicéforo III (1078–1081). Da dinastia comnena reconquistada, Aleixo I (1081–1118); João II (1118–1143); Manuel I (1143–1180); Aleixo II (1180–1183); Andronico I (1183–1185).

²¹ Entende-se por sofística um movimento cultural desenvolvido em áreas como retórica, oratória, política, história, literatura, religião, radicando no modelo cultural da Antiguidade Clássica. Após a primeira sofística (séc. V/IV a.C.), a segunda (séc. I–III) e a terceira (séc. IV), na sequência de Pselo, mediante a ortodoxia comnena dos séculos XI e XII Cf. Vitanza, 1991, pp. 117–39; Kaldellis, 2008, pp. 225–327; Quiroga, 2007, pp. 31–42; Kimball, 2010, pp. 262–3; Pernot, 2021, pp. 174–6.

²² Cf. Trizio 2013: 462–476.

²³ Cf. Sinódico da Ortodoxia, finais séc. XI.

²⁴ Peterson, 2017, p. 251.

²⁵ Cf. *ecfrasis* §3.

e templos §4) e mundo ctónico²⁶ (Hades), acedido através de uma abertura subterrânea (στόμιο, 'boca'²⁷ §14), até ao portão/entrada²⁸ §13²⁹. Neste âmbito, um percurso de descida (§12. Vd., no plano inferior, campo, tendas, tribunal §31, Campos Elísios e campos de asfódelos §30³⁰) e outro de subida (§41–46). À superfície, as distâncias perfazem-se por mar (Egeu; de Mármara) e, internamente, por terra. No tocante aos *intermundia*, através de ar e rio (Lago Aquerusiano §14). Por último, em §46, a ascensão completa-se e o protagonista tem ocasião para contemplar a materialidade: céu e solo dos mortais (cf. Plêiades e Ursas. Em §47, rio, casa, corpo).

Para mais, diversas regiões meramente aludidas passam por Istro até à Cítia, Capadócia (§5); Itália (cf. §8), Grécia, Fenícia, Egito, Hispânia, Colunas de Hércules, Euxino (§6); Grande Frígia (§8, 18); Ásia, Corinto (§44). Os espaços observados comportam construções, tendas; e, no Hades, múltiplos lares pobres e humildes, com luz e habitados (§16, 20).

A frequentar os locais, um núcleo alargado de figurantes, atestando-se em várias ocasiões a combinação de categorias profissionais desempenhadas em contexto real com funcionalidades no âmbito ficcional. Propõe-se de momento uma análise através de binómios: vivos/mortos; singulares (e.g. Cidion §1)/grupos (§3: companheiros; §5: Macedónios, Gregos, Mísios, povos do Istro até à Cítia: Campânios, Iberos, Lusitanos e Celtas Transalpinos §5); presenciais/referências para efeito estilístico ou ilustrativo. Eis, pois, uma sequência dos vultos destacados:

POR REFERÊNCIA

- ladrões §6

- familiares do *Dux*: avô paterno, pai, mãe, avô materno §8

²⁶ Acerca do mundo ctónico, cf. *Il.* 23.100: κατὰ χθονός. Considerem-se o Hades; as Ilhas dos Bem-Aventurados (vd. *Str.* 3.2.13), Ilha Branca (cf. Míconos, *Paus.* 3.19.11); Campos Elísios; Tártaro/Orco. Este apresentava-se como o último local de castigos, mais profundo do que o Hades, albergando figuras divinas, a exemplo de Titãs, Úrano, Crono, assim como demónios e monstros, é exemplo de Tifón; e figuras humanas votadas a suplícios eternos, haja vista em Tântalo, Ixíon, Sísifo (cf. *Pl. Grq.* 523b). Os heróis não empreendiam *catabaseis* a esse domínio. Vd. *Paus.* 3.19.11–12; *Luc. Alex.* 185, 324.

²⁷ São várias as localidades tradicionalmente associadas como pontos de entrada para o Hades, designadamente Lago Lerna ou o Lago Alcíonio, utilizado por Dioniso para encaminhar a sua mãe Semele até ao Olimpo (e.g. *Paus.* 2.31.2, 2.37.5); Plutónio (*Str.* 13.4.14); cabo Ténaro; rios Estige, Lete, Cócito, Flegetonte. No caso de Timárion, verifica-se o recurso ao sono enquanto meio de ligação entre o mundo superior e o inferior. Deverá considerar-se, aliás, a morte enquanto estado permanente (θάνατος), ou transitório (ὑπνος, 'sono', um momento de morte, enquanto distanciamento da vida quotidiana), duas esferas associadas com o negrume; não sendo ocasional a aproximação de ambos os episódios, em virtude da irmandade retratada na tradição mitológica. Cf. Bzinkowski, 2015, pp. 134–5. Na sua catábase, Ulisses segue as instruções de Circe (*Od.* 10.516–540, 571–572) para possibilitar a comunicação entre mundos: as almas apenas iriam reconhecê-lo e revelar-lhe a verdade, caso o herói de Ítaca os deixasse sorver sangue negro (αἷμα κελαινεφές. Cf. *Od.* 11.49–50, 98–99, 141–155, 228–234, 390), qual veículo facilitador do contato. De facto, os mortos encontravam-se fracos, especialmente se resultantes de morte violenta, na qual perdessem sangue (cf. *Od.* 3.455 μέλαν αἷμα), descrita com o mesmo epíteto da morte (cf. “*keres negras*”, *Od.* 2.283).

²⁸ Cf. *Il.* 8. 15; *Luc. Erotos* 32.

²⁹ Cf. *Od.* 10.513, *A. Ag.* 11160, *Luc. Luct.* 5–7.

³⁰ Lugar da escatológica grega (*Od.* 4.561–569, 11.539, 572, 24.13, *Hes. Op.* 169–173), fazendo lembrar, no cenário clássico, o resultado dos Mistérios de Elêusis, no tocante à frutificação da terra (*h. Cer.* 470–482); os jardins de Alcínoo em Esquéria (*Od.* 7.112–132), onde as árvores frutam várias vezes por ano; ou, numa vertente ortodoxa, o Paraíso cristão, com luz, plantas, rios, cantos de pássaros, eterna primavera.

- profissionais de medicina §25
- escultores e pintores dos Antigos §27
- Galeno (médico e filósofo romano, natural de Pérgamo, séc. II/III)³¹ §29
- Bruto (séc. I a.C.) e Cássio (séc. I a.C.), julgados relativamente ao assassinato do imperador Romano César §31
- pai de Timárion, Timonico §34, 37
- estoicos e Zenão³² §37
- Alexandre filho de Diógenes §44

INDICAÇÕES/AUTORES CONTEMPLADOS

- Aristóteles
- Hesíodo
- Homero³³
- Safo³⁴
- autores citados, ainda que sem denominação

FIGURANTES

VIVOS

- amigos de percurso e hóspedes paternos
- habitantes do campo em Tessalónica
- habitantes locais de Tessalónica
- peregrinos da festividade em honra ao mártir
- hoplitas
- mercadores, cavaleiros, soldados
- clérigos, monges e mulheres hinistas
- arcebispo

³¹ Cf. Galeno, embora médico, também atuante em filosofia e retórica, em conformidade com o lexema *ιατροσοφιστής*, denotativo de ‘pessoa esclarecida’. *ιατρός* — *σοφιστής*.

³² Filósofo estoico grego, natural da Fenícia (Cítio, séc. IV/III a.C.).

³³ A complexa ‘questão homérica’, enquanto conjunto de dúvidas relativas à existência, proveniência e datação de Homero (cf. Hdt. 2.53, estimando Homero e Hesíodo c. 400 anos antes de si), à autoria, forma de composição das epopeias que lhe são comumente atribuídas (viz. *Iliada* e *Odisseia*), existência factual de alguns conteúdos, não parecia colocar-se na Antiguidade. As dúvidas suscitadas por estudiosos adeptos da posição dos analíticos, sucedânea de F. Wolf (séc. XVIII), contrariados pelos unitários, são dados muito posteriores.

³⁴ Compositora lírica natural de Lesbos, séc. VII/V a.C.

- *Dux*

- carregador de cavalos

ALMAS (POR ORDEM DE APARIÇÃO)

- velho obrigatoriamente incógnito, junto a albergaria, a comer carne de porco e couve

- homem informante da comunidade

- velho cego, com veneno a escorrer da boca §20 — Imperador Bizantino Romano IV

Diógenes (séc. XI)³⁵

- velho morto devido a febre, com desejo de saber aspetos da vida

- eupátrida da Grande Frígia

- Parménides de Eleia (séc. VI/V a.C.)

- Pitágoras de Samos (séc. VI/V a.C.)

- Melisso de Samos (séc. V a.C.)

- Anaxágoras de Clazómenas (séc. VI/V a.C.)

- Tales de Mileto (séc. VII/VI a.C.)

- outros fundadores de escolas filosóficas

- filósofo cínico Diógenes de Sinope (séc. IV/III a.C.)³⁶

- João Ítalo (séc. XI)³⁷

- servo de Ítalo

- Catão, o Romano³⁸

- Polemo de Laodiceia (séc. II)

- Herodes Ático (séc. II)

³⁵ Descrito em termos dramáticos (cf. gritos provenientes da sua tenda, porventura decorrentes do seu sofrimento §22) pelo engeguimento infligido no desafortunado regresso a Constantinopla, após a expedição contra os Citas Orientais (cf. Batalha de Maiziken, 1071), que conduziria à subida ao trono de Miguel VII, como imperador. A circunstância merece a atenção de autores como Miguel Ataliata (cronista bizantino, séc. XI) *Historia* 176–179; Pselo (Bizâncio, séc. XI) *Chron.* 8.163–164 (b42–43); *Timárion* 22. Cf. Vryonis Jr., 2003, pp. 17–43. A propósito de algum paralelismo entre imperadores bizantinos vítimas de cegueira no século XI, vd. Vratimos 2011: 51–60, examinando os casos de Miguel Calafates (1041–1042) e Romano Diógenes (1068–1071), considerados por Pselo, *Chron.* 5 e 7, respetivamente. Após padecer de vários ferimentos e quíçá envenenamento, morre em 1072.

³⁶ Diógenes de Sinope (séc. V/IV a.C.). Cf. cinismo, corrente filosófica reportada a Antístenes (séc. V/IV a.C.), Atenas. Defende vida simples e virtuosa. Crenes na divindade natural (*Physis*), os filósofos cínicos procuram *eudaimonia* e ascese através da virtude (*arete*), autossuficiência (*autarkeia*), *apatheia*, indiferença a normas públicas — *adiaphoria* (e.g. pudor: roupa), libertação de *τύφος* ('arrogância, nebulosidade'), filantropia.

³⁷ Monge e abade do mosteiro de Estúdio (Constantinopla), séc. VIII/IX. Defensor do monasticismo em Bizâncio, com o desapego de bens materiais, em prol da prática religiosa, advogando e praticando o hábito de jejuar. Ativista na controvérsia moequiana, entra em dissídio com Constantino VI e acaba por ser expulso para Tessalónica. Mantém conflito com outros imperadores, como Nicéforo, Miguel II. Distingue-se também pela rejeição de se venerarem imagens (iconoclasma).

³⁸ Defensor da integridade moral, Catão, o censor/o velho (234–149 a.C.). Posiciona-se no âmbito dos antissofistas.

- Élio Aristides (séc. II)
- general arménio Filareto Bracâmio³⁹
- Alexandre⁴⁰
- imperador romano Nero⁴¹

PROFISSIONAIS DAS PROFUNDEZAS

- juiz: Minos⁴²
- juiz: Éaco⁴³
- juiz: Teófilo⁴⁴, o Galileu
- agregado ao painel de juízes: Hipócrates⁴⁵
- agregado ao painel de juízes: físico Asclépio/Esculápio⁴⁶
- agregado ao painel de juízes: Erasítrato de Ceos⁴⁷
- defesa jurídica: Teodoro de Esmirna⁴⁸

³⁹ Filareto Bracâmio, taxiarca bizantino de ascendência arménia. Comandante de exército sob Romano IV Diógenes, após a derrota da Batalha de Manziquerta (1071), fundou um Estado autónomo entre a Cilícia e Edessa.(1071–1080).

⁴⁰ Déspota de Feras, Tessália (369–358 a.C.). Sucede no trono, após o seu pai (tirano Jasão) sucumbir, vítima de assassinato (370 a.C.) e ter envenenado o seu tio, Pólifron, que, entretanto, ocupara a cadeira real (D.S. 15.61.2, 75, 80; Paus. 6.5.2).

⁴¹ Nero Germanico foi imperador Romano no século I. Governo tirânico marcado por execuções, repressão de revoltas, extravagâncias, desejo de promoção cultural.

⁴² Figura mitológica descendente de Zeus. A tradição mitológica recorda no Hades os três filhos de Europa — Minos, Sarpédon e Radamanto — encarregues do processo de julgamento aludido por Píndaro (*O.* 2.57–59).

⁴³ Vulto da mitologia tradicional, filho de Zeus e Egina ou Europa.

⁴⁴ Nome falante — Θεόφιλος, ‘Teófilo’: θεός, ‘divindade (‘Deus’, entre os cristãos)’ — φίλος, ‘amigo de’. Cristão de origem romana, a quem Lucas dedica o seu gospel (*Luc.* 1:3) e *Atos dos Apóstolos* (1:1). Vd. Gregory, 2010, p. 229.

⁴⁵ Médico natural de Cós (460 a.C.–370 a.C.). Tradicional autor do ‘Juramento de Hipócrates’ compromisso de ética, por Apolo Medico, Asclépio, Higeia, Panaceia e demais deuses, vigente para os profissionais de medicina, pronto a facultar ensinamentos orais e escritos, bem como tratamentos, à parte de venenos e abortivos, sem abuso ou mácula, independentemente de remuneração.

⁴⁶ Divindade descendente de Apolo (cf. Eust. p. 330), instruído por Hermes na arte da medicina (*Pi. P.* 3.1), aproveitando dotes adquiridos que lhe asseguravam a possibilidade de restabelecer a vida, em virtude do sangue recolhido das veias de Gorgo e daquele que circulava do lado direito do corpo de Atena. Considere-se também a aprendizagem a partir do ofídio que testemunhou ressuscitar um outro que Asclépio havia matado, com a utilização de uma erva (*Hyg. Astr.* 2.14), cuja serventia aplicou em humanos. Aliando mito, ciência e transgressão (cf. *Ps.-Eratosth. Cat.* 1.6D), a prática valer-lhe-ia a fulminação por Zeus (*Apollod.* 3.10.4), precavendo o recurso generalizado a tais práticas como meio de escapar o pagamento obrigatório da dívida humana ancestral com a morte, tecida pelas *moirai* — Átropo em particular (*Il.* 24.525–526; *Pi. O.* 1.82, I. 7.42; D. 258). Cf. da morte. Na realidade, a sua determinação parece ser indelével, à parte de múltiplos episódios mitológicos que contradizem o ditame (protelações: cf. Zeus face a Sarpédon *Il.* 16.439–449; imortalização por memória de obras ou feitos: vd. *Sim. fr.* 121 Diehl; imortalização concedida por deuses: e.g. Ganimedes; engano: Sísifo, momentaneamente, Tánato: cf. Eust. pp. 631, 1702); troca: e.g. Dióscoros. *Plin. HN* 2.5.17, Alceste/Admeto E. *Alc.* 357–362). De igual modo, contam-se particularidades étnicas, como apresenta D.L. *prlg* 9: κατὰ τοὺς Μάγους φησὶ τοὺς ἀνθρώπους καὶ ἀθανάτους ἔσθαι, καὶ τὰ ὄντα ταῖς αὐτῶν ἐπικλήσεσι διαμνεῖν. ταῦτα δὲ καὶ Εὐδημος ὁ Ῥόδιος ἱστορεῖ. “[Teopompo] afirma, a propósito dos Magos, que irão viver numa vida futura e serão imortais e que o mundo aguentará graças às suas invocações.”

⁴⁷ Natural de Quios, séc. IV/III a.C., recorda-se enquanto fundador da Escola de Alexandria, com mérito no desenvolvimento da anatomia e psicologia humanas.

⁴⁸ Filósofo bizantino, natural da Calábria. Havendo vivido entre 1025 e 1082, estuda com Pselo e trava amizade com o imperador Miguel VII. Participa na educação Teodoro de Esmirna, no séc. XI. Destaca-se pelo cultivo dos ensinamentos de Platão e dos neoplatónicos. Do conflito com Romano IV, resultaria a sua condenação por heresia, em 1082.

- acusados: psicopompos Óxibas e Níction (nomeados em §34)
- avaliador: Óxidercion
- avaliador: Nictoleustes
- arauto (κῆρυξ)
- escritor (γραμματεὺς)
- secretário: Aristarco⁴⁹
- presidência de tribunal: Frínico⁵⁰
- relator/“Sofista Bizantino”⁵¹
- audiência: composta por cristãos
- oficiais de justiça/ministros da justiça/procuradores (εἰσαγωγεῖς/διάκονοι τοῦ δικαίου. Vd. εἰσαγγελεύς). Cf. Guia(s) — ἄγος §36
- guardiães (πυλωροί)
- condutores/psicopompos (ψυχαγωγοί) Cf. condutores/guias de mortos νεκραγωγοί (e.g. §38)

TEOLOGIA

- providência divina §2
- alusão ao mártir São Demétrio⁵²
- anjo de Teófilo⁵³ §33

⁴⁹ Considere-se Aristarco de Samotrácia (séc. III/II a.C.), crítico literário e gramático, com a direção da Biblioteca de Alexandria (153–145 a.C.). Perseguido por Ptolemeu VIII do Egito, refugiou-se em Chipre, antes de falecer, após haver contraído hidropisia (edema).

⁵⁰ Julgue-se Frínico de Bitínia, Ásia Menor (séc. II), retórico e gramático de modelo ático.

⁵¹ Ainda que não denominado, poderá aventar-se Miguel Pselo — ὑποπελλίζω τὰ πολλά. Cf. Tozer, 1881, p. 254; Baldwin, 1984, p. 23. Nato Constantino (1018–c. abril/maio 1078), caracterizam este descendente da aristocracia cosmopolita bizantina uma certa inadequação moral face a vetores como honestidade, retidão, vaidade, servilismo lisonjeiro e ambição desmedida. De educação clássica e cristã (Constantinopla, Atenas), contacta com futuros patriarcas (e.g. Constantino, Leicudes, Xifilino) e imperadores. Destacam-se quatro períodos essenciais na sua biografia: magistratura; entrada no palácio; ensino/“chefe dos filósofos” (ἕπτατος τῶν φιλοσόφων) da Universidade de Constantinopla (1045–1054), sob reinado de Monómaco; primeiro secretário/secretário imperial, *protoasekretis*. Afirmar-se enquanto redator em expressão helénica de vasta obra em formas literárias e géneros distintos, com ampla abrangência temática, à maneira humanista, pontuada por tonalidades neoplatónicas, gnósticas, herméticas. Com argúcia, consegue gerir o seu credo; a admiração por elementos do contexto clássico pagão e por domínios neoplatónicos; bem como o espírito crítico a respeito de seitas teológicas heréticas, designadamente bogomilismo, euquitas.

⁵² Santo militar ortodoxo do século XIV proveniente de Tessalónica. De família senatorial, sofreu o martírio em c. 306, após ter afirmado a sua fé cristã, juntamente com o seu amigo Nestor (venerado no dia seguinte ao seu, 26 de outubro), sob o governo romano de Galério. Cf. Vyronis, 1981, pp. 196–228; MacDougall, 2016, pp. 135–50.

⁵³ Atenda-se, na obra, a considerações de angelologia, designadamente na figura do anjo que acompanha o imperador Teófilo, à semelhança do que acontece com todos os viventes, atuando como conselheiro, que Timárion confunde com um eunuco (§33), provavelmente pela analogia de funções, já que em termos de género sexual a tradição bíblica, segundo Zac. 5:9, distingue anjos masculinos e femininos.

Além dos magistrados Minos e Éaco, crescem ao elenco outras abonações de foro mitológico: Crono⁵⁴ §35; raça de Eneias⁵⁵ §8; ‘o de traseiro negro’⁵⁶ §44. Entidades do panorama mítico-religioso da Antiguidade Grega (viz. Aurora §6, Eros, Musas, Graças, §7; Afrodite, Ares, Zeus, Hermes §9); entidades alegóricas (e.g. Sono §12)⁵⁷ e deuses helénicos (cf. §27) ocorrem apenas enquanto a adorno ilustrativo, à margem de crença ou devoção.

Participam, de igual modo, animais (e.g. cães §6; cavalos §7, mulas, ovelhas, bois, porcos, dragões, cão do Hades — Cérbero §15; ratos⁵⁸ §18; pardais §30. Cf., para efeito ornamental, alusões a veados, lobos, répteis §6).

Na globalidade, o rol de adjetivos aplicados é contido, fazendo-se a nomeação das figuras por vezes acompanhar de alguns traços corporais e aspetos concernentes ao vestuário, a título

⁵⁴ Divindade da mitologia clássica, filho de Úrano e Gaia. Bastante recuado na linha de sucessão de deuses, é quem domina na primeira idade de homens descrita por Hesíodo (*Op.* 109–126), autor que, na sua *Teogonia*, o contempla entre os *protogenoi*, a par de Caos (Casma), Terra, Tártaro e Eros (116–122). A sua reconhecida antiguidade justifica a alusão em §35, para ilustrar o sentido de “início dos tempos”.

⁵⁵ A procedência do *Dux* à raça de Eneias constitui um laço de ligação ao ramo itálico, assim como um fator de nobilitação divinatório, considerando a ascendência reportada pela mitologia tradicional ao herói ‘fundador de Roma’, filho de Anquises e Afrodite.

⁵⁶ Epíteto denotativo de masculinidade, associado a Hércules (Eub. fr. 61 II 185 K; Ar. *Lys.* 802–803; Zen. 5.10): μελάμπυγος, ‘nádegas negras, traseiro negro’ (vd. μελαμπύγου τύχοις, *Suda* μ 449). Interessa, a esse respeito, recordar que, além dos Trabalhos de Hércules descritos tradicionalmente por Diótimo (*Heracleia* (SH 394 = *Suda* ε3718, séc. II), de acordo com Ateneu (SH 393 = Ath. 13.603d), a título de satisfação de desejos amorosos, para agrado do seu apaixonado Euristeu, Hércules leva igualmente a cabo outras incumbências marginais (*parerga*). Assim, o episódio relatado em *schol.* Luc. *Alex.* 4 (embora com a utilização de diferentes nomes): na sequência da punição dos Cécropes (cf. *Il.* 4.157), notórios ladrões, que haviam tentado roubar a sua pele de leão e clava (vd. ps.–Nonn. *Commentarius in Gregorii Nazianzeni orationem* 4.39; *Suda* s. v. Κέρκωπες, κ1405), o tebano filho de Zeus dependurou-os num pau, que colocou sobre os seus ombros, despertando o riso dos meliantes, ao contemplarem o traseiro bronzeado e piloso do herói. O prévio conselho materno descuidado pelos Cécropes adquire contorno proverbial em *Suda* μ987: Μὴ σύ γε μελαμπύγου τύχης: μή τινος ἀνδρείου καὶ ἰσχυροῦ τύχης: “Que não encontres tu um rabo negro. Cuida para evitar o encontro com alguém viril e forte.” (Zen. 5.10. cf. Luc. *Pseudol.* 32; Philostr. *VA* 2.36). De notar que os homens de rabo pálido são ridicularizados na comédia, enquanto efeminados (cf. *Suda* λ335: Λευκοτύγους: δειλοῦς, ὡς μελαμπύγους τοὺς ἀνδρείους, “homens cobardes, da mesma maneira que os homens bravos têm rabos negros”. Cf. ligação com δασύπρωκτος ‘traseiro áspero’.

⁵⁷ Identifiquem-se, de forma concisa, as figuras da tradição mitológica grega referidas: Aurora (/Eos, titânide representativa do amanhecer, e.g. *Il.* 1.477) §6, Eros (cf. vários Eroses, assistentes de Afrodite, E. *Ba.* 402–406; Corn. 25); Musas (divindades influentes nos domínios de música, canto, dança e outras artes, de número variável, desde 2, 3, 4, 7, 9. Vd. ps. Corn. g 14), Graças (Χάριτες/χαρά, ‘alegrias’ ~ χαρίζεσθαι, ‘favorecer’ ~ χάριτος, ‘favor’. Divinificações de beleza e graça, de ascendência e quantidade diversa na literatura, e.g. *Od.* 18.194. A epopeia iliádica contempla apenas a Cárís Aglaia, esposa de Hefesto, *Il.* 18.382. Cf. Hes. *Th.* 945) §7; Afrodite (divindade responsável pela afetividade, numa dupla vertente, enquanto emanada a partir das ondas do mar, junto de Pafos, donde o epíteto Pafínia — cf. *h.Ven.* 5.59, 6.3–6, gerada com o membro viril castrado do sátiro Órquis, Orph. *H.* 55; ou de Úrano — vd. Hes. *Th.* 180–181, 188–200), Ares (filho de Zeus e de Hera, divindade de foro belicoso), Zeus (divindade olímpica suprema, descendente de Crono, com o epíteto epopeico de πατήρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε, “pai dos deuses e dos homens”, e.g. *Il.* 1.544), Hermes (descendente do relacionamento de Zeus com Maia, tem a seu cargo áreas de apropriação lícita e ilícita, donde a sua associação a comércio, astúcia, roubo, mentira, jornadas, transmissão de mensagens, condução de almas, Ar. *Eq.* 297; D.S. 1.96.6). Quanto ao Sono, trata-se, na versão de Hesíodo (*Th.* 211. Vd. Verg. *A.* 6.277), de um filho da Noite.

⁵⁸ Considerem-se os ratos em constante passagem entre os dois planos existenciais, afinal os únicos que conseguem escapar do Hades e subir à superfície, quiçá representando as almas de pecadores, seguindo a tradição das visões apocalípticas. Cf. Alexiou, 2002, p. 108.

caracterizador. Distingue-se a descrição com traços epopeicos afeta ao *Dux* (§8,9), retomando o princípio clássico de *kalokagathia*⁵⁹.

3. Retrato sinótico

Estruturalmente, o reconto desenvolve-se por 47 parágrafos, na sequência que se apresenta: Cidion encontra Timárion e pede que lhe conte a razão da sua demora (§1), com rapidez, até ao final de tarde. Narração: Timárion empreende uma viagem com início positivo, mas de retorno trágico (§2). Cidion requer um relato pormenorizado da ida a Tessalónica, por ocasião do festival em honra a São Demétrio (§3). Ocupações no tempo livre (§3–4). Descrição dos *Demetria* (§5–7, 9–10). Na procissão, o *Dux* (§7) — retrato (§8–10). Doença de Timárion e desejo de regresso a Bizâncio (§10–12). Chegada dos psicopompos (§13). Ida para o Hades: Lago Aquerusiano (§14), portões do Hades, Cérbero, guardiães (§15), escuridão (§16), albergaria iluminada (§17). Habitantes (§17–22). Sofista Teodoro de Esmirna (§23–24). Ratos (§18–19). Timárion fala com velhos. Relata como morreu (§25–26). Sofista oferece-se para defender Timárion no tribunal dos mortos (§26–31). Campos Elísios e Prados de Asfódelos (§30). Tribunal (§31) — juízes: Éaco, Minos, Teófilo; defesa: sofista Timárion; acusados: psicopompos Óxibas e Níction (§31–34, 39, 40). Fala dos acusados (§34–35, 38, 39). Recesso do Tribunal (§36). Sentença adiada, aguardando o pronunciamento de Hipócrates, Asclépio e Erasítrato (§37). Avaliação do procedimento dos psicopompos: Óxidercion, Nictoleustes (§40). Votação; sentença (§41). Congratulações (§42, 45). Regresso ao mundo superior (§42): avistamento de almas de filósofos contrários a Diógenes; João Ítalo (§43). Diógenes, Ítalo, Catão (§44). Timárion dá por concluído o reconto e prepara-se para onerar, conforme prometido, o sofista, pelos seus serviços (§46–47).

4. Traço e difusão

Genericamente, eis um exemplar de literatura odepórica (reportando à memória os perigos das viagens⁶⁰ em tempos bizantinos), de início projetado entre Bizâncio e Tessalónica. Porém, um equívoco primaz reporta tonalidade trágica ao exposto, com um νόστος de percurso ctónico

⁵⁹ Pondere-se a respeito do aproveitamento de notas de καλοκάγαθία (καλὸς καὶ ἀγαθός, ‘belo e bom’), ao procurar associar valores meritórios à beleza física, para descrever o aspeto, o mérito e a família do governador local sem denominação particular (*dux*). Cf. tratados de fisiognomonía (vd. Polem. *Phgn.* 1.210. Cf. Ps. Arist. *Phgn.*). Cf. Polemis, 1968, p. 3.

⁶⁰ Cf. *topos* da ‘pirataria’ em romances bizantinos, como a referência a piratas etíopes, em Eustácio Macrembolites, *Das Aventuras de Hismine e Hismínias*.

retificado, qual processo paradoxográfico de *poltergeist* invertido, por meio de um vulto que deveria estar vivo a surgir entre mortos⁶¹.

Destituída de inovação em absoluto, a interlocução denota influência ou *imitatio* face a vários escritos tomados como modelo, por vezes em citação direta, noutras ocasiões apenas *topoi* contemplados em leituras alheias. Assim, mediante o *corpus* disponível na atualidade, diversos autores da Antiguidade Clássica (grega e latina), com particular relevância para o escritor ateu, anticristão, difamador, condenado ao Fogo Eterno e a Satã (*Suda* λ683) — Luciano de Samósata (séc II). No mesmo sentido, máximas, conteúdo de tradição mitológica suméria (cf. Inana — Ereshkigale) e helénica; bem como textos bíblicos.

No intuito de despoletar o historio, o dialogismo (Timárion/Cidion) funciona enquanto pretexto estrutural para avivar uma visão monocórdica satírica. O mote, *stricto sensu*, retrata a tragédia de um protagonista bizantino, expressando, na realidade, o desejo de muitos mortais. Parece uma sequência inocentemente simples de três momentos: ‘um homem morre; comprova-se ter sido erradicado por engano; restitui-se à vida’. Mas a questão basilar surge retoricamente formulada por Constantino Acropolita: πότερα γὰρ τὰ τῶν Χριστιανῶν διαχλευάσαι βουλόμενος; “O que pretendia ridicularizar dos cristãos?”⁶²

De facto, o exercício fantasioso de prosa narrativa (διηγήσεις) grega em estilo ático, de categoria indefnida por entre elementos de escrita sacrílega (heresia/paganismo), apontamento subversivo-contestatário, narração descritiva, diálogo, literatura lúdica, crítica social, conjunto de traços epopeicos, cómicos, novelescos, pinceladas irónico-satíricas, enforma várias críticas à atualidade da época. Porém, numa antinomia clássica δοκεῖν/δοκεῖν⁶³, ‘parecer/ser’, quiçá as mensagens desejadas se encontrem necessariamente encriptadas sob enigmas (αἰνίγματα)⁶⁴ linguísticos e semânticos, de forma a evitar perigos censórios. Por tal, segue-se uma lógica de secretismo e elitismo cultural, confinando-se a um pequeno grupo de cultura elevada, e de resto limitada, considerando que apenas se preserva num único manuscrito de finais do século XIV/princípio de XV — *Codex Vaticanus Graecus* 87, ff. 453–470v, além de um excerto em *Österreichische Nationalbibliothek* (ÖNB)

⁶¹ Cf. aparições, ressurreição, milagre e *mirabilia* (*thaumata*, prodígios) hagiográficos e até invocações de sacerdotes, oráculos; sonhos e epifanias (e.g. Verg. *A.* 1.353–356, 2.270–279; Díctis de Creta 6.14), frequentemente interpretados como *omina* nefastos. A literatura conserva notícias de diversos tipos de aparições, supostamente a título (pseudo)histórico (Suet. *Nero* 34; Apul. *Met.* 9.31), repetidamente fruto de rumores inscritos no folclore tradicional (e.g. Phleg. *Mir.* 1, 2, 3), correspondendo ao gosto popular relativamente à paradoxografia (cf. παραδοξολογέω, ‘contar maravilhas’). Cf. Stramaglia, 2011.

⁶² Constantino Acropolita 91.15–16.

⁶³ E.g. A. *Ag.* 788: τὸ δοκεῖν εἶναι. Cf. Pl. *R.* 1.334c.

⁶⁴ Cf. Pl. *Ep.* 7; Plut. 8.8.3.

theol. Gr. 222, f. 193v, enquanto composição espúria de Luciano. A edição, a par do texto em latim, apenas emerge em 1813, por Hase⁶⁵.

4. Observações hermenêuticas

À parte de qualquer credo, em *Timárion*, assiste-se a uma restauração de elementos greco-latinos da Antiguidade experimentada pela segunda sofística, demonstrando determinada continuidade e adequação, *mutatis mutandis*, entre paradigmas (clássicos e judaico-cristão). Decifrando possíveis interpretações, o libelo pode ser visto, em certa medida, como um ato de subversão semiótica empreendido pela classe intelectual face ao estado político e religioso bizantino, quiçá fruto de alguma consciencialização de superioridade helénica em áreas como filosofia, retórica, medicina, justiça.

Uma leitura mais atenta induzirá o reconhecimento de vários *topoi* inscritos. Designadamente, circunstâncias como as aludidas em seguida: a. Uma maleita ético-filosófica; b. Tenta na língua; c. *Descensus ad Inferos*: traço de neopaganismo?; d. Reduto forense; e. Ἀναβίωσις, ‘Ressurreição’.

a. Uma maleita ético-filosófica

É certo que *Timárion* começa por apresentar matriz católica e caráter piedoso, enquanto peregrino que viaja desde Constantinopla para integrar a veneração de um mártir (São Demétrio). Visita templos (§4), assiste à procissão (§6), suplica ao patrono da cidade o regresso favorável (§10). Inclusive, o propósito religioso patente na jornada quiçá justifique, num plano superior (Tessalónica), o uso da forma verbal denunciadora de um movimento de descida (κατήειμεν §3), que, por um lado, espelha a atitude veneradora e humilde por parte de um peregrino cristão que se verga perante a santidade; por outro, funciona a título premonitório; e por fim, mostra um certo autocontrolo filosófico (cf. Sócrates/Platão, *R.* 327 a).

Após haver contemplado a feira — parte secular (procissão civil e militar conduzida, durante o dia, por um governador da região, tornando a celebração religiosa um quase-pretexo para o decurso do evento mercantil) do evento religioso de três dias e noites, corolado por um *hymnus nocturnus*, a cargo de coros de clérigos, monges e freiras, sob comando de um arcebispo, *Timárion* manifesta uma indisposição (§11, 12, 13) que o coloca num posicionamento distinto, face

⁶⁵ Seguindo uma ordem do imperador Napoleão, ao abrigo do Tratado de Tolentino, celebrado com o papa Pio VI (séc. XIX), a fim de transferir o códice da Biblioteca do Vaticano para Paris, M. Hase, encarregado de efetuar a catalogação, publicou a obra juntamente com uma tradução latina. Assim também seria editado em 1813. Em Leipzig, 1860, por A. Ellissen. Recebe edição crítica em língua italiana por Romano, na época de 1974. Em 1987, o libelo é contemplado no quarto volume da obra completa de Luciano editada por Macleod, como apêndice, juntamente com outros escritores espúrios.

à maioria que o rodeava: febre e vômito de um elemento basilar conectado com o humor (raiva)⁶⁶. Na realidade, uma sintomatologia em certa medida revoltosa, quando comparada ao cenário de alegria e lazer do contexto celebrativo. Inscreve-se assim no propósito do apontamento onde a *ecfrasis* da componente laica da celebração religiosa também não é absolutamente linear e conjuga laivos de crítica. Ridiculariza, de certo modo, os milagres de São Demétrio, reforçando um caráter alegórico no contraste da imagética do mundo dos vivos, belicoso e material, de prazeres mundanos, por oposição ao Hades, religiosidade elevada de um mundo subterrâneo pagão. Não bastante, o festival é ainda comparado a outros eventos pagãos, designadamente às *Panatenias* (entre os antigos atenienses) e os *Panionia*, entre os milésios (§5). Seria uma mera equiparação inocente, sem laivos de monta de paganismo, não existissem caracterizações do festival como a de Plutarco (*Demetr.* 12), ao referir-se à celebração dos *Demetria* enquanto um ato de reverência ateniense equiparado a Deméter e Dioniso, proporcionado ao rei da Macedónia Demétrio Poliorcetes (337 a.C.–283 a.C.).

Em súpula, o quadro parece denotar um estágio adicional na evolução de Timárion, dissimulado de enfermidade.

b. Uma questão de tento na língua

Numa leitura superficial, assiste-se tão só a um diferendo dietético descrito na narrativa, que, contemplado de forma mais apurada, assume proporções ético-filosóficas⁶⁷, distinguindo personalidades e determinando as respetivas vidas.

A enfermidade ilustra uma cesura entre dois vetores associados no século XII⁶⁸: φιλόσοφοι, ‘filósofos’ e ρητοροσοφισταί, ‘sofistas, mestres de retórica e oratória’, uma classe caracterizada pela στωμυλία, ‘excesso de palavras’, acompanhando, sobretudo a partir da segunda metade do século V a.C., a evolução do conceito de σοφία e o desenvolvimento de um tipo teórico de conhecimento (Heraclit.

⁶⁶ Para cada humor (fleuma, bílis preta, bílis amarela, sangue), um determinado número de qualidades, em correspondência com a natureza — assim se constata a partir dos estudos de Areteu da Capadócia (séc. I), Rufo de Éfeso (séc. II), Galeno (séc. II/III), árabe Ishaq Ibn Imran (séc. X), para já não recuar a escritos aristotélicos ou hipocráticos. Sintomas de melancolia (μελαγχολία: μέλαν, ‘negro μελαν’ | χολή, ‘bílis’, ‘bílis negra’) incluíam depressão, irritabilidade, distúrbios alimentares, insónia. Estudos realizados sobre os sintomas de Timárion identificam-nos com determinadas doenças. Assim, cirrose hepática (Romano, 1974, pp. 138–9); salmonela (Navarro, 1992, p. 433); febre tifoide (Vlachakos, 2002, p. 186); úlcera gástrica pelo jejum. No mesmo sentido, afigura-se também a eventualidade de Timárion haver sido afetado por um episódio de narcolepsia. A atuação de um protagonista tomado por um sono profundo que contacta com diversas almas constitui, aliás, um motivo experimentado em precedentes ocasiões literárias, designadamente, no século IV, Ausónio, *Cupidus Cruciatu*. Cf. Troca Pereira, 2015, pp. 205–13.

⁶⁷ Cf. Chapman–Kim–Suskind–Anderson, 2009, pp. 1222–6; Kaldellis, 2012, pp. 275–87.

⁶⁸ Cf. Pródromo, Φιλοπλάτων ἢ Σκυτοδέψης, *Philoplaton ou Curtidor*: ἡ φιλόσοφος συνημμένως ρητορικὴ καὶ ἡ ῥήτωρ φιλοσοφία, “filosofia retórica e retórica filosófica”. Com efeito, a distinção entre ambos os domínios não é clara, postulando o filósofo como um erudito (com conhecimento de gramática, filosofia e retórica), a julgar pela consideração do escritor literário Pródromo por Nicetas Eugenio (*Monódia*) como retórico e essencialmente na qualidade de filósofo, segundo Miguel Itálico (carta 42 Gautier). Vd. Magdalino, 1993, p. 332.

Fr. 129 Diels), descurando princípios de ordem ética⁶⁹. Em termos verbais, tamanha quezília reflete-se na linguagem iâmbica (λογικοί ἀγῶνες)⁷⁰ e tonalidade desabrida, donde a crítica a adulações dirigidas à classe política patronal (monarcas e classes dominantes. Vd. κόλαξ iâmbico⁷¹), falsas e manipuladoras, adotadas por sofistas. Justifica-se, pois, em termos ficcionais, por um lado, o maior afastamento de ilustres filósofos (viz. Parménides, Pitágoras, Melisso, Anaxágoras, Diógenes, Catão, Ítalo, Pselo) relativamente ao ‘modelo filosófico’ com que Timárion privara (académica⁷² e pessoalmente), em tempos de antanho — Teodoro de Esmirna. Por outro, a maior confraternização deste com elementos de ‘filosofia retórica’ da segunda sofística (viz. Polemo, Herodes Ático, Aristides) §45.

A biografia reconhece no Esmirnense um profissional da filosofia praticada ao abrigo da classe política, detentor de títulos aristocráticos senatoriais (e.g. πρωτοπρόεδρος), cargos de administração imperial (e.g. κοιάστωρ, πρωτοκουροπαλάτης, após 1112), sucessor de Miguel Pselo (1018–1078), enquanto ὑπάτος τῶν φιλοσόφων, ‘cônsul dos filósofos’, ocupação imperial voltada mormente à retórica, cuja remuneração satisfaz a sua gluttonia (§24: banquetes extravagantes e jantares sibaritas) e desencadeia dissabores de foro material (economia, doença), efeito que se estende a outras almas do opúsculo. Representa no Hades uma facção de incontinência bucal, refletindo o apetite (ἀπληστία) descritivo insaciável, desejo insistentemente requerido por Cídon, em vida. Por seu meio, percebe-se a crítica de um gosto generalizado pela verborreia retórica vã evidenciado no discurso iâmbico e expandido de forma descontrolada às demais atividades desenvolvidas a partir de outros orifícios corporais (e.g. na comida, na bebida e em práticas sexuais), permitindo estabelecer uma oposição entre intelectuais contidos e retórica de uma juventude rica efeminada, plena de prazeres corporais, pródiga em discursos de grande aparência e enganadores.

Ambas as figuras, constituem polos distintos com que o estudante de filosofia Timárion se confronta e perturba, donde algumas tiradas em jeito de desabafo, a exemplo de Ἀβάλε σοι τῆς ἀπληστίας, ὃ φίλε Κυδίῳν⁷³. Às solicitações de um e outro, qual imperiosidade tirânica, Timárion sente-se obrigado aceder: do ângulo de Cídon, impunha-se seguir conforme o prescrito pela φιλία, ‘amizade’ tradicional; no respeitante a Teodoro, a título de respeito/admiração, em virtude de ocupar um posicionamento inferior (aluno-professor; talvez cliente-patrono).

Da leitura, ressalta a lição de que na esfera ctónica se conserva a insaciabilidade de ânsias cultivadas em vida (cf. dinheiro/preço, apetite. Vd. orexia⁷⁴), de certa forma desumanizadora, ao

⁶⁹ Importa, pois, distinguir entre a verdadeira σοφία (Pl. *Phdr.* 278d), objeto de estudo da φιλοσοφία e da φρόνησις (cf., a propósito da distinção entre saber prático — φρόνησις e saber intelectual — σοφία, Arist. *EN* 1441a–b, 1143b–1144a) e a competência retórica ministrada pelos σοφισταί. Acresce ainda o valor da σωφροσύνη, enquanto capacidade de distinguir o ‘bem’ do ‘mal’ (Arist. *EN* 1103a, 1107b).

⁷⁰ Cf., a propósito, o destempero verbal radicado no episódio mitológico de conforto de Deméter através da linguagem e exibicionismo de lambe (cf. ἰαμβίζειν, ‘arremeter iambos, satirizar’), com o propósito de aliviar a melancolia deixada pelo afastamento de Perséfone. Em termos retóricos, considerem-se Ésquines e Demóstenes, *De Corona* 18.139, apelidando Ésquines de ἰαμβειοφάγος, ‘glutão de iambos’. Vd. Worman, 2004, pp. 1–25.

⁷¹ Cf. Rostein, 2010, p. 19.

⁷² Cf. Nilsson, 2016, pp. 180–204.

⁷³ Cf. Labuk, 2019, pp. 71–2.

⁷⁴ O *topos* da πτωχοτροφία, ‘alimentar os suplicantes’ encontra-se correntemente na tradição literária da comédia antiga (Ar. *Pax* 189–193, *Ec.* 834–847, *Eq.*: Paflagon). Cf. Thphr. *Char.*

aproximar-se do cariz sôfrego de criaturas inferiores, designadamente dos ratos (para Timárion, objeto máximo de temor e aversão). Teodoro dá corpo ao paradigma de um retrato enganador de apetências e apetites nunca refreados: por um prisma, dotado de grandiosidade (μεγαλοπρεπεία, com certos trejeitos discursivos: ‘empolamento facial’, τὸ στῶμα διογκῶν; ‘voz alta’, ἀνακαγχάζων, ‘altivez’, σεμνῶν), fama e distinção (λαμπρῶν), aparência física de um sofista já experimentado (λευκός τὴν τρίχα); por outro, com uma configuração esquelética (κατέσκληκώς), ainda assim agradável (χαριεῖς) e plena de caráter (στομυλίας μεστός). Desfeita a teatralidade vegetariana de §36, revela a sua verdadeira essência: glutão (ἐγγλωπτογάστωρ), ganancioso (λαμυρόν) e egocêntrico, preocupado com as necessidades do seu próprio estômago (cf. §24 face a 27: Σὺ δὲ μόνον σκοπεῖ, ὅπως ἡμῖν καταπέμψης ἐκεῖθεν, ὧν ἰμειροόμεθα, βρωσίμων φημὶ τῶν ἐθάδων μοι, “Tu [Timárion], porém, trata apenas de enviar dali [mundo superior] o que mais desejo — algumas das minhas comidas favoritas”. Vd. §31, 46)⁷⁵. Por conseguinte, apela-se neste instante a que se pondere a respeito do seguinte raciocínio silogístico: se as capacidades por essência caracterizadoras da vida humana são a respiração e a fala (sinal de pensamento e cultura)⁷⁶, bem assim a preservação de sensações, sentimentos e desejos⁷⁷, porventura Teodoro, profuso em todas essas áreas resulta uma memória onírica bastante viva de um passado que Timárion recorda e tentações com que no presente se confronta, ou, na escatologia desenhada, uma alma inconformada.

No cariz agónico que perpassa toda a obra, destaca-se uma evolução de um filósofo cristão, que aproveita o progresso promovido pela esfera não terrena, ao valorizar um ἦθος de parcimónia⁷⁸ — ἐγκράτεια, de que dispunha por natureza (e.g. de verbo; vestuário, contrariamente aos sátrapas;

⁷⁵ Das almas tão atormentadas quão atormentadoras (cf. And. 1.30; Luc. *Pseud.* 21) que reaparecem à superfície, denota-se a conservação de traços como inveja/ressentimento (e.g. Verg. *A.* 450–476: Dido; Luc. *DMort.* 23 Fowler: Ajax), desejo de retificação (de faltas/crimes), clamando reposições (e.g. honras fúnebres) — justiça cósmica (por vezes com contornos de vingança — e.g. Liv. 3.58.11: Virgínia). Na generalidade dessas almas, fica patente a incapacidade de total abnegação do mundo sensível, em termos de (res)sentimentos, posses e de acontecimentos, o que denuncia um fluxo de comunicabilidade e continuidade entre esferas, num aporte cumulativo sempiterno de culpas e castigos. Cf. Troca Pereira, 2016, pp. 211–32.

⁷⁶ *Timárion* não reporta a existência de constrangimentos de fala no Hades — os diálogos ocorrem e a argumentação jurídica sucede. Tal reforça a dúvida de afirmar-se o discurso de Timárion como a narrativa de uma experiência ou o relato de um sonho/devaneio motivado pela sua enfermidade. Embora não dependam necessariamente da ingestão de sangue na epopeia dita homérica, as sombras do Hades, em termos gerais, apenas emitem sons não articulados (λαθηθόγγοιο. Cf. Hes. *Sc.* 131. Vd., em estudos da ciência linguística de matriz saussuriana na atualidade, a linguagem humana verbal vocal duplamente articulada, Martinet, 1980, pp. 13–18), como morcegos *Od.* 11.605, 24.5–9. Cf. de igual modo, a utilização de quirópteros a título de vetor comparativo para classificar comerciantes etíopes/bárbaros, no entender das civilizações clássicas, Hdt. 4.183. Em extremo, o estado de quase-morte descrito como ‘sem fôlego e sem verbo’ (ἄπνευστος καὶ ἄναυδος, e.g. Ulisses, em *Od.* 5.456. Vd. Hes. *Th.* 797). Com efeito, verifica-se uma ligação entre as noções de ψυχή, ‘alma’ e de πνεῦμα, ‘sopro’, servindo as cavidades do corpo humano como pontos de entrada e de saída do espírito. Aliás, no opúsculo, a alma do protagonista e extraída do corpo pelos psicopompos, através do nariz. No foro bíblico, recorde-se o sopro da vida inserido no homem, pelas narinas (*Gen.* 2:7). Cf. Wallis, 1919, p. 538.

⁷⁷ Importa distinguir períodos específicos na escatologia da Antiguidade, designadamente, um ciclo mais recuado de tradição micénica, com almas sombrias insensíveis; e um intervalo pós-Homero, no qual as *phrenes* preservam alguma consciência, ação (e.g. sentimentos, justiça, capacidade de pensar, beber [sangue], falar) e reação, cabendo apenas a Tirésias o único νόος, ‘mente’, na posse de todas as faculdades sensitivas (πεπνύσθαι), por graça de Perséfone (*Od.* 10.493–495). Vd. Heath, 2005, pp. 389–400.

⁷⁸ O apelo ao controlo de excessos, vulgar no gentilício da Antiguidade, recupera-se, *mutatis mutandis*, através da reabilitação de princípios basilares de contenção estoica pelo paradigma judaico-cristão. Vd. máxima délfica μηδὲν ἄγαν, “nada em excesso”; A. *Ag.* 177. Cf. μέτρον ἄριστον, “a moderação é o melhor”, dito reportado a Cleóbulo de Lindos, séc. VI a.C., repetido pelo bizantino Pródromo, Φιλοπλάτων 98.

dieta⁷⁹; estilo de vida filosófico; existência tranquila e despreocupada — vd. a negligência em reunir mantimentos preparatórios para a viagem), bem assim ao afastar-se de ofertas de vozes circundantes, recusando participar de desejos fúteis bucais, qual provocação. A confiança do relator incide sobre princípios/valores, como a hospitalidade, e determinações superiores, designadamente *fortuna*.

É à partida indiciador desse dissídio ético-comportamental o constrangimento (αἰδοῦς) que causa em Timárion não haver reconhecido⁸⁰ de imediato o seu mestre. Embora aceite os serviços de Teodoro no pleito retórico jurídico⁸¹, não participa ativamente no discurso do tribunal, tampouco na sua remuneração, que depreende uma escolha entre dois polos de gestão alimentar: comida limpa (καθαροδιαίτων)/comida vil (ῥυπαροδιαίτων). Em vista disso, delega a incumbência de reunir a forma de pagamento requerida por Teodoro, a um paflagónio (ῥυπαροδιαίτων Παφλαγόνων, ‘porqueiros do piorio’)⁸², indivíduo de caráter tradicionalmente mais apropriado para o efeito.

Na base, trata-se da tomada de posição na contenda entre verdadeira filosofia e cultura, e retórica/mera exposição demagógica de uma categoria de sofistas. Timárion prefere seguir de acordo com uma via socrática de verdade (Pl. *Phlb.* 48e. τὴν οὐσαν ἀλήθειαν), de modo explicativo (cf. αἰτία, ‘causa’ do grito na tenda) e comprovativo (cf. necessidade de provas de verificação — ἐπίκρισις, no julgamento).

A verdadeira filosofia da época radica numa *paideia* grega, promovendo, pelo elo equitativo da morte, a união entre o destino de ricos e pobres, bons e maus, cristãos e pagãos, e revelando divisões sociais do mundo dos vivos (e.g. tipologia de tendas, luz) — logo, a sátira da sociedade bizantina retratada no submundo⁸³. Por este prisma, poderá enquadrar-se Timárion como um produto de *paideia* helénica, com laivos de censura face a vetores de ortodoxia cristã e à tirania política⁸⁴ Comnena, promotores da retórica, acima de intelectuais e filósofos em busca da verdade.

c. *Descensus ad Inferos*: traço de Neopaganismo?

Inscrita sobre matrizes filosóficas de cariz mormente órfico, pitagórico e estoico, a obra parte da consideração do ser humano como mortal, porém detentor de uma ontologia bipartida (σῶμα/ψυχή, ‘corpo/alma’), numa porção corpórea perecível e numa vertente anímica imperecível

⁷⁹ Desde logo, o novo plano nutritivo, desviado da gordura de porco, o que suscita a queixa Teodoro (§31), poderá observar-se como um traço de antissemitismo, reservando ao velho glutão com aspeto tradicional de um filósofo — barba comprida — o consumo de carne suína, matéria resultante da caça, uma das atividades escolhidas pelos companheiros da viagem terrestre de Timárion para ocupar o tempo livre, antes da celebração litúrgica (πανήγυρις, ‘festividade’, também este um motivo recorrente na literatura bizantina do século XII, Heliod. *Aethiop.* 8: Delfos) — servia-se, pois, o propósito crítico face a uma ocupação nobre da sociedade em ocasião de lazer, conservando a tonalidade filosófica mormente estoica que norteia o escrito, a qual, no antagonismo clássico *negotium/otium* valoriza o primeiro vetor (*labor*, a par de *otium cum dignitate*. Cf. Cic. *De Orat.* 1.1, *Fam.* 1.9.21; *Sest.* 98), ao invés do segundo, como forma de prevenir o mal (vd. Cato *apud* Columela 11.1.26). Cf. Kucharski–Marciniak, 2017, pp. 45–54; Marciniak, 2020, pp. 131–48.

⁸⁰ Vd. *topos* clássico de ἀναγνώρισις, ‘reconhecimento’. Cf. Arist. *Po.* 1452a30–32.

⁸¹ A propósito da verborreia típica dos discursos de Teodoro, vd. Worman 2008: 281.

⁸² Confronte-se a apreensão sentida face à demagogia entre as classes de poder, a sua vulgaridade e pouco entendimento, refletindo, de certa forma, a personagem aristofânica Paflagónio (*Eq.*).

⁸³ Cf. James, 2010, pp. 135–6; Iakovos, 2017, pp. 53–66; Zagklas, 2020, pp. 279–303.

⁸⁴ Cf., para o relacionamento entre gluttonia e tirania, Nicetas Coniates (séc. XII/XIII), *História* 57, 145, 384.

(e.g. *Il.* 9.322; *Pl. Men.* 81b, *R.* 608d; *Pi. O.* 1.82; *Arist. De Na.* 403^a3–25), cuja união se dissolve no instante tradicionalmente apelidado de ‘morte’. A mais ver, uma vetusta tradição órfica expõe a morte humana como parte de um ciclo de três episódios evolutivos de reencarnação/transmigração da alma (*Pi. O.* 2.68, fr. 133)⁸⁵, até ficar liberta, graças a Perséfone, do παλαιὸν πένθος, ‘infortúnio antigo’/da ποινη παλαιή ‘de culpa ancestral’ contraída pela falta tantálica sobre Zagreu/Dioniso (cf. *OF* 320; *A.* fr. 228 Radt; *Pl. Men.* 81b; *Opp. H.* 5.4–7, *Orph. H.* 37) malogradamente herdado. Sob matrizes órficas, o ciclo nascimento-vida-morte cede lugar a βίος, θάνατος, βίος | ἀλήθεια | Διό(νυσος πάλιν γίγνεσθαι), “Vida, morte, vida | verdade | Dioniso [‘o nascido duas vezes’] (*OF* 463). Nesse sentido, a realidade tradicionalmente apelidada de ‘morte’ pode entender-se como uma mudança de espaço e condição (qual ‘metamorfose’), rumo à verdadeira ‘vida’ (cf. *Pl. Grg.* 493^a) e até julgar-se algo positivo (*Cic. Tusc.* 1.16), de verdade (ἀλήθεια. Cf. *Pl. Phaed.* 65b), felicidade (εὐδαιμονία), uma vez ultrapassada a fase marcada por simulacro, dolo, contingência (cf. *Heracli. Fr. B* 62) e aprendizagem a partir de múltiplos sofrimentos advenientes da τύχη (e.g. doenças, dores, enfraquecimento, velhice. Cf. πάθει μάθος, *A. Ag.* 177, 928–929; *S. OT* 1528–1530), até uma utopia da vida, correspondendo a uma etapa de libertação de penosa existência (*Hdt.* 7.46).

O recinto *post mortem* selecionado no opúsculo para agrupamento das almas é o Hades. O *topos* da catábase funciona como um expediente para contemplar almas de vultos já falecidos — um motivo contemplado na paradoxografia⁸⁶, com expressão em visões em cenário cristão, constituindo um gênero com certa autonomia⁸⁷. Porém, o Hades retratado em *Timárion* mostra-se ambíguo, na medida em que, por um lado, não corresponde a todos os elementos que caracterizam o espaço ctónico da geografia clássica⁸⁸; por outro, não equivale à orografia da vida cristã *post mortem* de Céu/Inferno, nem a uma elevação celestial. Trata-se, contudo, de um reino negro e sem luz⁸⁹, para onde a generalidade dos mortos, num contexto helénico, é transportada. Inversamente à ‘ascensão aos céus’ cristã orientada à divina Luz, a descida às ctónicas brumas pagãs não alivia pessimismos relativos à vida, tampouco confere coloração positiva a morte. O sincretismo do traço pagão com o mitológico (supondo-se vulgarizado e ainda reconhecido pela generalidade⁹⁰) reflete antes, numa outra esfera, enquanto veículo facilitador de apreensão, o cosmos de cima/vetor mundano (ἐγκόσμιος), onde as almas preservam

⁸⁵ Contrariamente ao definido por dogmas filosóficos de índole epicurista, mediante os quais a morte é absoluta, vd. *Pl. Men.* 81b: φασὶ γὰρ τὴν ψυχὴν τοῦ ἀνθρώπου εἶναι ἀθάνατον, “diz-se que a alma é imortal”. Cf. já antes, na épica dita homérica, e.g. *Od.* 11.219–222.

⁸⁶ Género literário criado no séc. III a.C. O testemunho mais vetusto disponível na atualidade com o termo ‘paradoxógrafo’ pertence ao bizantino Tzetzes (*H.* 2.151), denotando Antémio de Trales. A paradoxografia configura um espaço de compromisso entre mito e razão. Por conseguinte, na sequência das conquistas de Alexandre Magno, num período histórico marcado por curiosidade, exotismo, estranheza e assombro face ao conhecimento de novas realidades e experiências, muitas das quais sem explicações fornecidas pela ciência, nas mais diversas áreas, assiste-se ao avolumar de opiniões, justificações pseudocientíficas e racionalização de elementos tradicionais, bem como a um reequacionamento de posições que torna cada vez mais difícil a delimitação entre os domínios de factualidade e o fulgor literário de *topoi* fantásticos de ficcionalidade.

⁸⁷ Cupane, 2014, p. 53.

⁸⁸ Não figuram elementos como o barqueiro Caronte, encarregado de transportar as almas na sua embarcação sobre o rio Aqueronte, substituído, no caso em apreço, pelos psicopompos, por via etérea. Vd. Kaldellis, 2008, pp. 276–85.

⁸⁹ *Luc. Luct.* 12–16.

⁹⁰ Avalie-se, a propósito, o cultivo, em Bizâncio, de uma imitação/recuperação da memória e ideal helénicos (cf. renascimento macedónio/1º renascimento bizantino).

aparência (vd. antropomorfismo, E. *Alc.* 1127–1132)⁹¹ e comportamentos do superior, servindo como espelho de críticas sociais.

Ao contrário dos exemplares epopeicos da Antiguidade, Timárion não se depara com almas de ilustres companheiro heroicos, todavia, com diversos caracteres com alguma reprobabilidade. Todos os elementos parecem, não obstante, compor um adorno teatral, na medida em que não se acompanham de uma discussão doutrinal, mas antes de uma evidência neopagã, vestígio da providência universal estoica/divina providência (§2), além de um tipo de demónios⁹² justiceros (§13, qual tratado de demonologia neoplatónica). Diferindo dos punitivos, os psicopompos (ψυχαγωγοί) inscrevem-se na tipologia demoníaca que recompensa os virtuosos (ποινίμοι ἀγαθοί). Sombras de aparência negra, compete-lhes extrair a alma do corpo, após o último sono (πύμαθος ὕπνος) e encaminham-na a flutuar no ar até ao submundo. O tema é popular e conectado com magia, teurgia e outros *topoi* do ocultismo, no período bizantino, mas também entre as culturas da Antiguidade Clássica, Egípcios, Caldeus. Como tal, autores como Constantino e Pselo criticam a mitologia clássica e a religião antiga como falsidade e mentira, contrariamente à 'doutrina correta' (ὀρθὴ δόξη, Constantino Acropolita, carta 91.24) — cristianismo, de certa forma uma tendência já iniciada com a racionalização e dessacralização paradoxográficas, relativamente ao tradicionalismo mitológico.

d. Reduto forense

O âmago do reconto assenta no foro judicial. Analisados *a posteriori* os comportamentos de cada um, os juízes determinam a sentença (§22). Certos casos evidenciam-se nas próprias personagens (e.g. Romano IV; general arménio). Outros evocam-se marginalmente.

⁹¹ A conservação de traços corporais e comportamentos (e.g. fala, tristeza, choro, deambulação, fome) facilita as *anagnoriseis*, no Hades, entre as almas que aí habitam, descritas como tenebrosas sombras negras, com vestes pretas (Paus. 6.6.11), por vezes comportando marcas físicas (*Il.* 23.64); bem como contactos em visitas ao mundo superior (fenómenos de *poltergeist*).

⁹² Embora Diótima refira a Sócrates-personagem (Pl. *Smp.* 202d–e) Eros como δαίμων μέγας, "grande demónio", veículo de comunicação entre duas esferas apartadas, qual διάλεκτος, 'discurso' (Pl. *Smp.* 203a): homens e deuses, o lexema denota entidades sobrenaturais (πνεύματα, 'espíritos') distintas dos deuses (θεοί). Porém como nenhum aspeto referente o domínio da Antiguidade Clássica é absolutamente estrito e linear, importa complementar-se informação com a literatura adscrita a Homero, que faz uso indistinto do sobrenatural de θεοί e δαίμονες (cf. *Il.* 17.98, 99, 104. Também Arist. *Rh.* 2.23: δαιμόνιον, 'Divindade, Providência'), este último termo relacionado com conhecimento, δαίμων (Pl. *Crat.* 1.398, Sócrates-personagem, citando Hes. *Op.* 122–126, acerca dos homens da Idade do Ouro — δαίμονες ἄγνοί, 'espíritos puros', após o fim da Idade de Ouro, Hes. *Op.* 121–126, enquanto guardiães dos mortais. Assim, os 'δαίμονες' correspondem à parte espiritual de homens bons e sábios, vivos ou mortos. *Stricto sensu*, 'demónios' correspondem a figuras sublunares entre o céu e a terra (*intermundia*. Cf. raiz do indo-europeu *da-, em δαίμων); forças da natureza; reverência de uma raça, após a morte; espíritos na terra, ao nascer, quais *dii genitales* romanos (cf. Pi. *O.* 8.16, 13.101, P 4.167. Vd. Pl. *Ti.* 90a); o 'sinal' τὸ σημεῖον que alerta, Pl. *Ap.* 41d. Cf. 40b, 'sinal de deus', τὸ τοῦ θεοῦ σημεῖον; guardiães/protetores; 'anjo da guarda' (cf. lat. *geniūs*) cedido pela divindade a cada um dos mortais. Constata-se, pois, a associação do lexema δαιμόνιον, 'demónio', a 'ídolo', 'aparência', mas não ao adjetivo διάβολος — perceções distintas no *Antigo* e *Novo Testamento*, em hebraico 'inimigo' — tsar, Satã, recorrente em *Septuaginta*, nos Pais da Igreja, no sentido de possessão maléfica, causadora de afeções malignas, uma conotação pejorativa extra classicismo. Em tempos bizantinos, prolongando a expressão bíblica aplicada às heresias contemporâneas 'doutrinas dos demónios' (*Tm.* 4:1), Pselo, *Timóteo ou Sobre a atuação dos Demónios* afirma que tais entidades detestam Deus, os homens e "são piores do que o mal" (πλὴν εἶναι καὶ κακοῦ, φασί, κάκιον.). Totalmente desprezíveis, promovem o culto pelos hereges, através de atos antinaturais. Vd. Troca Pereira, 2021, pp. 215–30, a propósito de Luc. *Tim.*

d¹ João Ítalo

Embora Pitágoras considere condenável misturar filosofia com religião (§43), não admite Ítalo, acusado e condenado em 1082 por conceder maior autoridade aos pensadores antigos do que aos Padres da Igreja e por pretender demonstrar os dogmas da fé cristã, no libelo. De igual modo, o filósofo bizantino neoplatónico não recolhe a aceitação de filósofos nem de oradores (apedrejado, §44), além de ser odiado pelos galileus⁹³ (alusão ao castigo sob o governo de Aleixo). E em virtude do carácter furioso deste último contra Diógenes, depreende-se a sua desconsideração na corte e entre os cristãos (§44). Não se processa no escrito um processo de fé (cf. §29), julgando-se a heresia de Ítalo, mas um diferendo entre retórica (discursos de um elemento proveniente da Calábria, secretário do tribunal, redator da sentença como mestre de retórica, §41) e razão (dogma cristão). Na realidade, constata-se um conservadorismo do poder de Bizâncio do século XII, face à autonomia da razão e à atitude explicativa da filosofia de antigos, desde Platão a neoplatónicos Proclo, Porfírio Iâmblico.

d² Denúncia de um tiranicídio bizantino?

É o processo jurídico que precede Timárion o julgamento dos tiranóctonos Bruto e Cássio. Embora reportando-se a uma situação deveras antiga, decorrida na sociedade romana, funciona, *mutatis mutandis*, como *exemplum* paradigmático do panorama judicial lendário, com aplicação na esfera bizantina.

Quanto a Bruto e Cássio, no plano da semiose secundária, haviam respondido pelo tiranicídio do imperador romano Júlio César, nos idos de março⁹⁴ de 44 a.C., na sequência da tensão que afetara os participantes do triunvirato de 60 a.C. (Crasso, César, Pompeu). Na realidade física, o fatídico evento que recebera consideração por parte do Senado Romano, ora condenando ora amnistiando os conspiradores. Marco Júnio Bruto e Caio Cássio Longino, seu cunhado, levaria ambos a suicidarem-se em 42 a.C., após derrotas frente a Marco António. No diálogo, a sua alusão poderá remeter para considerar o recente falecimento do imperador João Comneno, numa caçada em 1143, fruto de assassinato. Porventura ainda sob apreciação no foro real, o narrador autodiegético não revela a sentença bizantina sobre o caso.

d³ Timárion

No cerne da obra, o processo de tribunal movido pelo protagonista mostra-se irregular, na medida em que não se coloca em causa a análise da sua vida, mas a validade da sua morte (§26).

⁹³ Epíteto empregue pelo imperador apóstato Juliano.

⁹⁴ Segundo o calendário romano, nos meses maiores primitivos (março, maio, julho, outubro), os idos correspondiam ao dia 15.

No diálogo, o protagonista cristão num tribunal gentílico de contornos absolutistas (e.g. sentenças sem apelo §22; submetendo ao seu poder personagens cristãs, como Timárion e o secretário Ítalo), regido pelos idólatras Éaco e Minos, manifesta receio de não vir a receber um julgamento⁹⁵ justo. As almas dos mortos são julgadas segundo costumes e leis dos mortos (§13) — leis divinas, na realidade, ditames da natureza que governam o corpo (§32, 34) —, não pelas leis de Deus. O temor mantinha-se, mesmo compondo também o painel de juízes o imperador iconoclasta Teófilo (séc. IX), considerado garante de honestidade, ainda assim um herege a representar o cristianismo na magistratura, o que poderá denotar alguma dissidência do autor face à religião ortodoxa. De facto, em termos práticos, não se aguardaram quarenta dias para levar a alma, conforme estava devido a um cristão (§39), atendendo-se apenas ao prescrito por uma divindade helénica — Asclépio, e médicos pagãos — Hipócrates e Erasítrato (§13).

e. Ἀναβίωσις, ‘Ressurreição’

Em certo sentido, *Timárion* compõe uma paródia alegórica do princípio da ressurreição. Motivo literário recorrente na mitologia clássica do helenismo pagão, o reviver⁹⁶ dá lugar a uma transgressão cristã realçada pelo sofista Teodoro (§46), que menciona há muito não se ressuscitar nenhum morto, uma vez que a verdadeira catábese, no mundo cristão, se cinge apenas a Jesus Cristo. Entende-se, nesse âmbito, um paralelismo entre as figuras do protagonista e Cristo, designadamente na referência ao recesso do Tribunal por dois dias e duas noites (§36), reservando-se a sentença que determina o regresso à vida ao terceiro dia, o que traz à memória o exemplo da morte e ressurreição do Criador.

Referências Bibliográficas

ALEXIOU, Margaret. **After Antiquity: Greek Language, Myth, and Metaphor**. Ithaca: Cornell

⁹⁵ A morte poderá de igual forma corresponder a um momento de justiça relativamente aos atos terrenos.

⁹⁶ No plano da mitologia tradicional, com a devolução de Eurídice à vida, adiciona-se ainda um traço novelesco, aproximando o mito a um culto, com Orfeu enquanto figura conectada com o misticismo e ligado a rituais e cerimónias em larga medida desconhecidas e ‘enigmáticas’. Também divindades, entidades supostamente imortais (e.g. Heraclit. fr. B 62, in Pl. *Leg.* 1.108), poderiam ‘renascer’. Vd, pois, Dioniso, Osíris. Acrescem ainda alguns episódios tradicionais pela mitologia, mediante o retrato de autores tardios, como Agatárquides, *De mari Erythraeo* 7, no séc. II, a respeito de três figuras: Alceste, Glauco, Protesilau (com permissão de Hermes, Ps-Apollod. 3.30). Se apenas a expressão de um “mito ridículo”, μῦθος παγγέλοιος, cabe a Paléfato ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ 26 racionalizar e dessacralizar a questão do ressurgimento de Glauco, mediante a aplicação de ervas. O *topos* é recorrente em cenário clássico — vd. Hdt. 4.13–16, 94–96; Pl. *Chrm.* 156d; Apollon. *Mir.* 2.2, relativamente à ressurreição de Zalmoxis, episódio que justifica o paralelismo com Jesus. Cf. Orígenes, *Contra Celsus* 2.55, face à compreensão de milagres (cf. Apolónio de Tiana) e o processamento de alguns *mirabilia* hagiográficos. A reparição ou resgate (cf. *Ar. Ra.*) inclui figuras lendárias (e.g. Er: Pl. *R.* 10.614–10.621)/mitológicas ficcionadas (e.g. Apollod. 1.3.2) e outras alegadamente reais (e.g. Nero: Tac. *Hist.* 1.2, 2.8; Suet. *Nero* 57).

- University Press, 2002.
- ALEXIOU, Margaret. Literary Subversion and the Aristocracy in Twelfth-Century Byzantium: A Stylistic Analysis of the *Timarion* (ch. 6–10). **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 8, pp. 29–45, 1982.
- ALVAREZ BRAVO, Manuel. La civilización bizantina de los siglos XI y XII: notas para un debate todavía abierto. **Erytheia**, v. 9, pp. 77–132, 1988.
- BALDWIN, Barry. **Timarion translated with introduction and commentary**. Detroit: Wayne State University Press, pp. 1–37, 1984.
- BEATON, Roderick. Cappadocians at Court. Digenes Akrites and *Timarion*. In: MULLETT, Margaret; SMYTHE, Dion (ed.). **Alexios I Komnenos**. Belfast: Belfast Byzantine Enterprises, pp. 329–38, 2008.
- BZINKOWSKI, Michał. Notes on Eschatological Patterns in a 12th Century Anonymous Satirical Dialogue the *Timarion*. **Eos**, v. 102: 129–148, 2015.
- CHAPMAN, Hanah; KIM, David; SUSKIND, Joshua; ANDERSON, Adam. In Bad Taste: Evidence for the Oral Origins of Disgust. **Science**, v. 323, pp. 1222–1226, 2009.
- CONSTANTELOS, Demetrios. **Byzantine Philanthropy and Social Welfare**. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 1968.
- CUPANE, Carolina. The Heavenly City: Religious and Secular Visions of the Other World in Byzantine Literature. In: ANGELIDI, Christine; CALOFONOS, George (ed.). **Dreaming in Byzantium and Beyond**. Farnham/Burlington: Ashgate, 2014.
- DRÄSEKE, Johannes. Byzantinische Hadesfahrten. **NJKA**, v. 29, pp. 343–66, 1912.
- DRÄSEKE, Johannes. Michael Psellos im *Timarion*. **BZ**, v. 6, pp. 483–90, 1897.
- ELLISSEN, Adolf. **Analekten Der Mittel-Und Neugriechischen Literatur**, vol. 4. Leipzig: Verlag von Otto Wigand, pp. 41–92, 1860.
- GREGORY, Timothy. **A History of Byzantium**. Chichester: John Wiley & Sons, 2010.
- HASE, M. Imitations de la Nécyomantie de Lucien. In: **Notices et extraits des manuscrits de la Bibliothèque impériale**, vol. 9. Paris: De l’Imprimerie Impériale, pp. 125–68, 1813.
- HEATH, John. Blood for the Dead: Homeric Ghosts Speak Up. **Hermes**, v. 133, n. 4: 389–400, 2005.
- IAKOVOS, Menelaou. Byzantine Satire: The Background in the *Timarion*. In: **Hiperboreea. Journal of History**, v. 4, n. 2, pp. 53–66, 2017.
- JAMES, Sharon. **A Companion to Byzantium**. Chichester: John Wiley & Sons, 2010.
- KALDELLIS, Anthony. **Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- KALDELLIS, Anthony. The *Timarion*: Toward a Literary Interpretation. In: ODORICO, Paolo (ed.). **La face cachée de la littérature byzantine: le texte en tant que message immédiat — Actes du colloque international 5–6–7 juin 2008**. Paris: Centres d’études byzantines, néo-helléniques et sud-ouest européennes, École des Hautes Études en Sciences Sociales, pp. 275–87, 2012.
- KIMBALL, Paul. (ed.). The Third Sophistic: New Approaches to Rhetoric in Late Antiquity. **Journal of Late Antiquity**, v. 3, pp. 262–63, 2010.
- KRALLIS, Dimitris. Harmless Satire, Stinging Critique: Notes and Suggestions for Reading the *Timarion*. In: ANGELOV, Dimiter; SAXBY, Michael. (ed.). **Power and Subversion in Byzantium**. Farnham/Burlington: Ashgate, pp. 221–45, 2013.
- KUCHARSKI, Janek; MARCINIĄK, Przemysław. The beard and its philosopher: Theodore Prodromos on the philosopher’s beard in Byzantium. **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 41, pp. 45–54, 2017.
- LABUK, Tomasz. **Gluttons, drunkards and lechers: the discourses of food in 12th-century**

- Byzantine literature: ancient themes and Byzantine innovations.** Praca doktorska. Katowice: Uniwersytet Śląski, 2019.
- LAFOLLETTE, Hugh (ed.). **The Oxford Handbook of Practical Ethics.** Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LAJOS, Berkes. Egy fejezet Lukianos bizánci utóéletéből: a pseudo-lukianosí Timarion. In: Toth, Iván; Jutai, Péter (ed.). **Enumeratio. A Collegium Hungaricum Societatis Europaeae Studiosorum Philologiae Classicae III. országos konferenciáján elhangzott előadások [Enumeratio. Vorträge der III. Konferenz der Collegium Hungaricum Societatis Europaeae Studiosorum Philologiae Classicaebyzantinischen Nachleben von Lukian: der pseudolukianische Timarion].** Budapest: Elt Btk, pp. 51–5, 2008.
- MACDOUGALL, Byron. The Festival of Saint Demetrios, the Timarion, and the Aithiopika. **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 40, n. 1, pp. 135–50, 2016.
- MAGDALINO, Paul. **The Empire of Manuel I Komnenos.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MARCINIAK, Przemyslaw. Of false philosophers and inept teachers: Theodore Prodromos' satirical writings (with a translation of the poem Against the old man with a long beard). **Βυζαντινά Σύμμεκτα**, v. 30, pp. 131–48, 2020.
- MARCINIAK, Przemyslaw; Warcaba, Katarzyna. **Timarion albo Timariona przypadki przez niego opowiedziane.** Katowice, 2014.
- MARTINET, André. **Éléments de linguistique générale.** Paris: Armand Colin, 1980.
- NAVARRO GONZALES, José Luís. **Luciano. Obras.** vol. 4. Madrid: Gredos, 1992.
- NILSSON, Isabella. Poets and Teachers in the Underworld: From the Lucianic Katabasis to the Timarion. **SO**, v. 90, n. 1, pp. 180–204, 2016.
- PERNOT, Laurent. The Third Sophistic. **Rhetorica**, v. 39, n. 2, pp. 174–6, 2021.
- PETERSON, Anna. Lucian in Byzantium: The Intersection of the Comic Tradition and Christian Orthodoxy in the Anonymous Patriot. **Journal of Late Antiquity**, v. 10 n. 1, pp. 250–9, 2017.
- POLEMIS, Demetrios. **The Doukai: A Contribution to Byzantine Prosopography, Demetrios I.** London: Athlone Press, 1968.
- QUIROGA, Alberto. From *Sophistopolis* to *Episcopopolis*: The Case for a Third Sophistic. **Journal of Late Antique Religion and Culture**, v. 1, pp. 31–42, 2007.
- ROMANO, Roberto. **Costantino Acropolita, Epistole, carta 91.** Nápoles: M. D'Auria, 1991.
- ROMANO, Roberto. **Pseudo-Luciano Timarion seu de passionibus eius. Timarione. Testo critico, introduzione, traduzione, comentario e lessico.** Napoli: Università di Napoli, Cattedra di filologia bizantina, 1974.
- ROSTEIN, Andrea. **The Idea of Iambos.** Oxford/New York: Oxford University Press, 2010.
- RUNCIMAN, Steven. **History of the Crusades**, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.
- SIGNES, Juan. **The emperor Theophilos and the East, 829–842. Court and frontier in Byzantium during the last phase of Iconoclasm.** Farnham: Ashgate, 2014.
- STRAMAGLIA, Antonio. **Phlegon Trallianus: Opuscula de rebus mirabilibus et de longaevis.** Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2011.
- TOZER, H. Byzantine satire. **JHS**, v. 2, pp. 233–70, 1881.
- TREU, Max. Ein Kritiker des Timarion. **ByzZ**, v. 1, pp. 361–5, 1892.
- TRIZIO, Michele. Trials of Philosophers and Theologians under the Komnenoi. In: KALDELLIS, Anthony; SINIOSSOGLU, Niketas (ed.). **The Cambridge Intellectual History of Byzantium.** Cambridge: Cambridge University Press, pp. 462–76, 2017.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. A Propósito de Conselhos de Saúde e Alimentos: Simeão Seth,

- Σύνταγμα κατὰ στοιχείων περὶ τροφῶν δυνάμεων, *Coletânea sobre as Propriedades dos Alimentos. Το Ελληνικό Βλέμμα — Revista de Estudos Helênicos da UERJ*, v. 9, pp. 1–79, 2021.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. O Suplício de Cupido em Comentário e Tradução. *Revista Classica*, v. 28, n. 1, pp. 205–213, 2015.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. POLTERGEIST: Quem tem medo de φαντάσματα? (Phleg. *Mir.* 1–3 em consideração). *REC*, v. 43, pp. 211–32, 2016.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. Reflexões demonológicas bizantinas: (Ps.)-Pselo. Coisas que os Helenos opinam acerca dos demónios (Τίνα περὶ δαιμόνων δοξάζουσιν Ἕλληνες). *Synesis*, v. 13, n. 1, pp. 215–58, 2021.
- TSARAS, Giannes. Καὶ ἀμφιμείκτους τινὰς κώμας. *Βυζαντινά*, v. 131, pp. 179–200, 1985.
- TSOLAKIS, Efstratios. Τιμαρίων νέα ανάγνωση. In: ΚΑΡΑΤΖΑ, Σταμάτη. **Επιστημονική Επετερίδα Φιλοσοφικής Σχολής Πανεπιστημίου Θεσσαλονίκης**. Thessalonik, pp. 109–18, 1990.
- VASILIEV, Alexander. **History of the Byzantine Empire 324–1453**. Madison: University of Wisconsin Press, 1952.
- VITANZA, Victor. Some More Notes, Towards a Third Sophistic. *Argumentation*, v. 5: 117–39, 1991.
- VLACHAKOS, Petros. (ed.). **Τιμαρίων ἢ Περὶ τῶν κατ’αὐτόν παθημάτων**. Thessalonik: Zitros, 2002.
- VRATIMOS, Antonios. Michael Psellus, Michael Attaleiates: The Blinding of Romanus IV at Kotyasion (29 June 1072) and his Death on Proti (4 August 1072). *Recueil des travaux de l’Institut d’Études Byzantines XLVIII*, pp. 51–60, 2011.
- VRYONIS Jr., Speros. The Eleventh Century: was there a Crisis in the Empire? The Decline of Quality and Quantity in the Byzantine Armed Forces. In: VLYSSIDOU, Vassiliki (ed.). **The Empire in Crisis(?) Byzantium in the 11th Century (1025–1081)**. Athens: Institute for Byzantine Research, pp. 17–43, 2003.
- VYRONIS, Speros. The Panegyris of the Byzantine Saint: A Study in the Nature of a Medieval Institution, Its Origins and Fate. In: HACKEL, Sergei (ed.). **The Byzantine Saint**. Birmingham: University of Birmingham, pp. 196–228, 1981.
- WALLIS, Wilson. The Romance and the Tragedy of Sneezing. *The Scientific Monthly*, v. 9, n. 6, pp. 526–38, 1919.
- WORMAN, Nancy. **Abusive Mouths in Classical Athens**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- WORMAN, Nancy. Insult and Oral Excess in the Disputes between Aeschines and Demosthenes. *AJPh*, v. 125, n. 1, pp. 1–25, 2004.
- ZAGKLAS, Nikolaos. Satire in the Komnenian Period: Poetry, Satirical Strands, and Intellectual Antagonism. In: MARCINIAK, Przemysław; NILSSON, Ingela (ed.), **Satire in the Middle Byzantine Period. The Golden Age of Laughter?** Leiden: Brill, pp. 279–303, 2020.

